

Nuvens em remoto mês de agosto

VICTOR AQUINO¹

8.2 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Org.). **ECA/USP: transição para a modernidade**. São Paulo: ECNUSP, 1992.

José Marques de Melo, jornalista, professor, pesquisador, autor, pensador, principal liderança no extenso e complexo processo de desenvolvimento e implantação da área de comunicação como um dos domínios do conhecimento na contemporaneidade, em razão da estatura acadêmica, do papel que desempenha no cenário do ensino superior, do vigor das ideias, já tem merecido alguns ensaios biográficos. Tudo que vem sendo escrito sobre autor e obra, pode-se dizer, alcança-lhe com justiça e propriedade.

Todavia, tendo sido contemporâneo em pelo menos três momentos de sua atividade como docente na Universidade de São Paulo, na época trabalhando com ele no departamento de jornalismo e editoração, onde fui seu colega de trabalho e ele meu chefe de departamento, como posteriormente meu diretor na Escola de Comunicações e Artes, testemunhei

1. Doutor em ciências. Professor titular de publicidade. Ex-diretor da ECA-USP (1997-2001).

como suas iniciativas contribuíram para dotar a instituição dos mecanismos que a tornaram, definitivamente, sólida, perene, respeitada e admirada.

Tudo na vida tem uma razão de ser. Até mesmo as consequências nefastas do ato discricionário, arbitrário, violento e extremamente incoerente que o afastaram do cargo na USP, em meados dos anos de 1970. Pois até mesmo isso foi importante para também impregnar sua personalidade da altivez com que suportou a injustiça, da coragem com que enfrentou os opressores e da inteligência com que soube desafiar, dentro e fora da universidade, os últimos resquícios de atraso, deixados para trás pelo amancebamento entre gerais e catedráticos.

A primeira grande consequência social e política dentro da universidade, se é que se poderia chamar assim, quando de sua reintegração ao cargo em 1979, foi aglutinar em torno de si um imenso contingente de honoráveis personalidades que, da esquerda à direita, não apenas lhe hipotecaram solidariedade, como contribuíram para dar ressonância a um fato que, antes de qualquer coisa, cobriu de vergonha a própria universidade. Terá sido nesse contexto que Marques de Melo retornou ao que fazia antes. Se anteriormente já desfrutava da confiança dos colegas, o retorno consolidaria sua liderança como empreendedor no terreno das ideias, gestor acadêmico e como principal protagonista no processo de projeção da escola no cenário internacional.

Independente dos influxos do pensamento universitário, que tenha sido, no limite da instituição, menos ou mais conservador quando da concepção e criação da antiga Escola de Comunicações Culturais, nessa época já denominada Escola de Comunicações e Artes, o certo é que ela continuava a manter a mesma estrutura. Uma estrutura marcada pelos equívocos sobre os quais já tive oportunidade de discorrer². Dentre os principais problemas de que ainda se ressentia, ressaltava-se, havia o aspecto excessivamente técnico de algumas disciplinas. Essa característica, por conta de uma certa “mesmice” em conteúdos diferentes, começava a tornar extremamente enfadonhos alguns dos cursos. Outra aberração estrutural que ainda remanescia era o chamado curso básico, onde os alunos da maior parte das antigas habilitações eram obrigados a permanecer por dois intermináveis anos, antes de iniciarem a formação profissional propriamente dita.

Sempre tive a nítida sensação de que Marques de Melo, até por jamais ter verbalizado uma posição pessoal a respeito dessa situação, não gostaria de tratar de um assunto que envolvia pressupostos históricos de institucionalização da escola. Ainda assim, eu também sentia certa segurança por nunca ter sido desautorizado por ele a tratar publicamente deste assunto. Recentemente, quando eu organizava obra co-

2. AQUINO, V. “40 anos depois”, **A USP e a invenção da propaganda, 40 anos depois** (V. Aquino, Org.). São Paulo, FUNDAC, 2010, p. 13-54.

memorativa dos quarenta anos de existência do curso de publicidade e propaganda, em que inseri o citado capítulo introdutório a respeito desse assunto, antecedendo o que ele próprio escreveu³, não ouvi qualquer comentário negativo a respeito.

Olhando hoje para trás, tentando entender a mecânica de revisão daquelas estruturas curriculares, como o processo de gradativa transformação pelo qual passou a escola entre os anos de 1980 e 1992, chego à conclusão de que a atuação de Marques de Melo foi, não apenas decisiva, como inspiradora de todo um processo de renovação institucional. O espírito empreendedor, o incentivo à difusão de estudos e ideias, a preocupação em agregar valores e dar-lhes o necessário suporte para que, na circulação, sejam elas apropriadamente enriquecidas e contribuam para o desenvolvimento de mais estudos, sempre foram suas marcas pessoais. Uma marca que ficou aparente na mudança pela qual passaram os cursos da escola.

Houve pelo menos dois momentos em que essa mudança poderia ter sido obstada. Um indesejável confronto entre docentes que representavam o anseio direto por transformação a qualquer preço e os que representavam a preservação da escola tradicional, nos moldes de sua concepção histórica, quase pôs tudo a perder. O velho departamento de comunicações e artes, matriz de uma série de disciplinas comuns e obrigatórias, não abria mão de manter o controle sobre essas disciplinas. Com isto forçava habilitações como publicidade e propaganda, relações públicas, cinema, rádio e televisão, editoração, jornalismo, biblioteconomia e documentação a ocuparem extensos espaços nas respectivas grades curriculares com disciplinas do domínio da história, da psicologia, da sociologia, da realidade brasileira, da filosofia, do português e até da matemática.

Enquanto exercia o cargo de chefe do departamento de jornalismo e editoração, presidindo o respectivo conselho e, nessa condição, o representando na congregação da unidade, Marques de Melo liderou naquele colegiado a primeira discussão sobre a ampliação da antiga comissão de ensino. Justificava que, por uma razão de coerência pedagógica, essa comissão devia compreender um representante de cada habilitação e não mais apenas de um representante por departamento. Durante os dois anos de seu primeiro mandato como chefe no departamento de jornalismo e editoração ele insistiu nessa tese na congregação.

Entre esse seu primeiro e o segundo mandato no departamento, ocorreram dois fatos relevantes na universidade. O primeiro deles foi a eleição do reitor José Goldenberg, cuja atuação também foi marcada por incontáveis fatos modificadores, voltados ao aprimoramento, à consolidação e à abertura internacional da Universidade de São

3. MELO, J. M. de. "ECA, antes e depois da propaganda", **A USP e a invenção da propaganda, 40 anos depois** (V. Aquino, Org.). São Paulo, FUNDAC, 2010, p.55-60.

Paulo. Aliás, quem hoje assiste a todo esse discurso sobre inovação, internacionalização e inserção institucional em escalas mundiais, não conhece, ou esquece o que foi esse período. A meu ver, tão importante quanto decisivo para os anos que estariam chegando, o reitor Goldenberg contribuiu também para que as mudanças lideradas por Marques de Melo atingissem o objetivo esperado.

O segundo fato relevante a ocorrer naquele momento foi a redemocratização política do país. Com a redemocratização vieram a constituinte e a promulgação da nova constituição. Com esta, a garantia de autonomia administrativa, financeira e pedagógica às universidades. Fato que, imediatamente, ensejou a iniciativa do reitor Goldenberg em convocar a revisão estatutária da universidade. Pois terão sido os novos estatuto e regimento geral da USP que acabaram por facilitar as mudanças que ocorreriam na Escola de Comunicações e Artes.

Ainda durante o processo de revisão estatutária, quando se realizava o congresso convocado pelas instituições representativas de funcionários docentes, funcionários não docentes e estudantes, em mais de um momento tive ocasião de conversar a respeito dessas alterações com Marques de Melo, então meu chefe de departamento. Eu fora eleito com João Aloisio Lopes, docente do departamento de comunicações e artes, para, no conjunto com os indicados pelas outras categorias, representar a unidade no Congresso da USP. Algumas vezes, no próprio conselho departamental e informalmente em outras, trocávamos informações sobre os rumos das alterações estatutárias. Alterações desejadas, aquelas que seriam possíveis, como também as improváveis. Um dos assuntos mais espinhosos, o modo como deveriam ser escolhidos os dirigentes universitários, por exemplo, era assunto cuja tendência institucional seria manter inalterado o sistema das listas tríplexes, tradicionalmente encaminhadas a uma “autoridade maior” que decide qual nome deve ser nomeado. Todavia, naquele momento, muitos de nós que acompanhavam uma tendência interna por mudança radical do sistema já repetiam uma posição que dificilmente seria acompanhada pelas correntes mais tradicionais do conselho universitário, onde tudo seria decidido no final.

Lembro de uma colega falar sobre a necessidade de endurecimento nessa discussão, de sorte a evitar que a universidade continuasse como sempre fora. Nessa conversa, lamentando certas impossibilidades no trato com as correntes mais conservadoras, ele citou um provérbio chinês, dizendo que às vezes é mais estratégico ser flexível do que endurecer. De algum modo, ele estava antevendo, no percurso de todo o processo de mudança, a intervenção final do conselho universitário. Pois, ao aproveitar sugestões de aprovação possível, o conselho acabaria por introduzir mudanças também importantes. Bom dizer, por exemplo, que tudo o que está novamente em discussão hoje, só está em discussão porque foi possível realizar uma primeira alteração naquela época.

Penso que essa deve ser a característica que melhor represente Marques de Melo naqueles tempos. Personalidade assinalada por uma energia de trabalho toda própria, cujo envolvimento com a instituição sempre foi, acima de tudo, pela instituição, sem privilegiar pessoas, grupos ou objetivos que não se inserissem em um projeto de desenvolvimento institucional. Esse modo de ser torna-se conhecido de todos anos antes, quando de seu afastamento da universidade. Ocasão em que tinha sido extremamente injustiçado, mas nem por isso deixaria que a vida pessoal, como a atividade acadêmica e o próprio talento fossem transformados em uma cruzada vingativa. Se tivesse querido, teria todas as razões para se transformar no “justiciero” dos males a que foi submetido. No entanto, movido por exemplar equilíbrio e por notável dose de generosidade, ao ser reintegrado soube como se locomover altivamente em um meio acadêmico também marcado por diferenças.

As principais transformações curriculares que alcançaram os cursos de jornalismo e de editoração a partir do fim dos anos de 1970 tiveram início no retorno de Marques de Melo ao departamento. Em ambos os cursos, muitas dessas transformações seriam de grande utilidade nos demais processos de aprimoramento que ainda estariam por vir. Liderou, no conjunto dos docentes de cada um dos cursos a revisão de todas as estruturas curriculares. Momento em que se atualizaram ementas, conteúdos e bibliografias. Também foi a época em que se desdobrou para encontrar substitutos à altura daqueles docentes que começavam a se aposentar. Caso, por exemplo, de Thomas Jorge Farkas, que ensinava fotojornalismo e fotografia editorial desde o início dos cursos.

Cria o estúdio de rádio e telejornalismo, uma construção que, além do equipamento trazido, iria possibilitar uma formação profissional específica, de excelência e altamente técnica. Faz gestões para trazer ao departamento novos docentes para essas disciplinas, como Sebastião Squirra, José Carlos Manente, Bernardo Kucinsky, Terezinha de Fátima Tagé Dias Fernandes, Maria Elena Ortega Ortiz Assumpção, Maria Otilia Bochini, Sylvia Lustig, André Boccato, José Luís Proença e Luís Fernando Santoro. Conta com o apoio de antigos colegas como José Carlos Rocha de Carvalho, Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, Carlos Eduardo Lins da Silva, Dirceu Fernandes Lopes, Alice Mitiko Koshiyama, Ciro Juvenal Marcondes, Kardec Pinto Vallada, Jeane Marie Machado de Freitas, Jair Borin, Cremilda Celeste de Araujo Medina e José Coelho Sobrinho.

Todos participavam ativamente dos esforços de Marques de Melo pela transformação e aprimoramento dos cursos. Sua preocupação principal estava concentrada em trazer para os cursos de jornalismo e de editoração todos os instrumentos possíveis, que permitissem passar dos conteúdos teóricos às práticas laboratoriais, como destas aos fazeres reais. À semelhança dos bem equipados estúdios de radiojornalismo e de telejornalismo, volta-se à criação

de um jornal laboratório com periodicidade e universo de distribuição regulares. Cria-se desse modo o “Jornal do Campus”.

Sem perder de vista antigos projetos que ele próprio liderara anteriormente, a exemplo da “Agência Universitária de Notícias” e da “Editora Com-Arte”, criou o “IP-CJE, Instituto de Pesquisa em Comunicação Jornalística e Editorial” e incentivou a constituição de vários coletivos internos, voltados à discussão de melhorias pedagógicas e institucionais. Igualmente, tomou a iniciativa para, internamente, garantir reparação a colegas que, como ele, tinham sido atingidos por atos do arbítrio. Desse modo, constituiu a comissão integrada por Freitas Nobre, José Carlos Rocha e por mim, para acelerar os efeitos de benefícios que começavam a ser assegurados por lei.

E quando finalmente as normas internas da universidade possibilitaram, sete anos depois, que a comissão de ensino, então em transição para a nova comissão de graduação da escola, recebesse um representante de cada habilitação ou curso, e não mais apenas um representante por departamento, as discussões sobre o conjunto das disciplinas comuns obrigatórias puderam tomar uma direção lógica ideal. Esse momento, pode-se dizer, foi crucial para ajustes necessários desde a criação da escola. A revisão estatutária daquele momento ressaltaria a priorização do trabalho docente na graduação, como o desenvolvimento de áreas de pesquisa e o aprimoramento docente pela titulação nos mestrados e doutorados da escola.

Indicado em reunião do conselho departamental para representar o curso de editoração na comissão de graduação da escola, eu teria a oportunidade de também participar de um processo que praticamente começaria a ajustar as estruturas de ensino da escola dos novos tempos. O próprio Marques de Melo, que participava da reunião em seu departamento já como diretor eleito da Escola de Comunicações e Artes, foi quem indicou o meu nome.

Vem à memória como ocorreu esse fato. Todos os conselheiros estavam radiantes com a inclusão, em primeiro lugar na lista tríplice, do nome de José Marques de Melo para dirigir a ECA. No seu modo habitual de ser prático e objetivo, ele interrompeu os cumprimentos, desculpando-se por ter que concluir logo a reunião. Devia receber um orientando de doutorado que necessitava viajar para seu estado natal. Assim, ao dar início à discussão do item que previa a indicação de um representante do curso de jornalismo e de outro do curso de editoração, como os respectivos suplentes, para a comissão de graduação, foi interrompido pela secretária. Ela assinalava em voz baixa e discretamente que o próprio reitor aguardava na linha. O professor Goldenberg, em pessoa, comunicou-lhe pessoalmente a decisão de nomeá-lo diretor da escola. De sorte que as indicações dos nomes para representantes dos cursos na comissão de graduação foram aprovadas na sequência.

Na primeira reunião de que participei, os demais representantes me elegeram para presidir a comissão. Dias depois fui chamado ao gabinete para ser informado de que ele pretendia promover a organização de uma série de reuniões sobre estruturas curriculares nos diferentes cursos. Desejava que, primeiro, cada um deles encaminhasse os resultados dessas discussões preliminares a uma grande discussão final, que apenas aconteceria quando todos os departamentos estivessem seguros das alterações que pretendiam fazer em seus cursos. Caberia à comissão de graduação, então, realizar os encaminhamentos aos colegiados superiores, garantindo que as decisões tomadas em conjunto fossem respeitadas institucionalmente.

Este foi o início de uma decisiva mudança na estrutura curricular original, principalmente das habilitações que à época derivavam do assim chamado bacharelado em comunicação social. A antiga estrutura de início de formação em dois anos para o oferecimento das disciplinas comuns obrigatórias, aos poucos substituída por aquilo que se denominava de “alongamento do curso básico”, começava a desaparecer. Depois de anos, enfrentando a monotonia de um enclausuramento obrigatório em uma sala comum, lotada de alunos dirigidos ao estudo de teorias muitas vezes dissociadas do que viria posteriormente, ou daquilo que seria útil na formação de cada habilitação, os cursos ganharam um certo conforto pedagógico. (Note-se que é uma opinião pessoal do docente, mas também de alguém que estudou na escola com essa estrutura de curso).

Finalmente, em evento cujos efeitos se fizeram sentir durante muito tempo na comunidade, organizou a “reunião do Pico do Jaraguá”, na qual se deliberou sobre o futuro das então novas estruturas curriculares. Foi momento também importante na vida institucional, pois eventuais resistências ao novo modelo acabaram sendo racionalmente ajustadas à nova realidade. Pode-se dizer que muito do que a Escola de Comunicações e Artes representa hoje, em termos de coerência curricular, oportunidade para criação ou transformação de novos cursos, decorreu dessa iniciativa.

Após ver o início da implantação das novas mudanças na graduação, começou a se ocupar também da pós-graduação. Foi nesse campo que Marques de Melo tentou um de seus mais ousados e felizes projetos. Já nessa altura, após ter também usufruído de seus esforços para aperfeiçoar o corpo docente, tendo realizado um estágio de pós-doutorado com o seu apoio e o patrocínio financeiro do Projeto BID-USP II entre França e Bélgica, eu viria participar do processo de criação dos novos programas de pós-graduação. Entre 1990 e 1991, com base ainda nas recomendações da grande reunião que definiu a reorganização das graduações, ele iniciou uma extensa reformulação da pós-graduação. Estimulou, primeiro, a criação do programa de pós-graduação em Jornalismo. Ainda mantendo o anterior programa de ciências da comunicação, empreendeu esforços para iniciar o novo programa, logo seguido por outros, por iniciativa de docentes de outras áreas.

Após meu retorno da Europa, tendo sido nomeado em concurso de professor titular no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, época em que também fui eleito chefe desse departamento pela primeira vez, reuni-me com colegas dos cursos de turismo e, a seguir, com os de relações públicas e propaganda. Enquanto Sarah Strachman Bacal e colegas de sua área propunham o programa de pós-graduação em turismo e lazer, eu me reunia com Sidinéia Freitas, Margarida Kunsch, Waldir Ferreira, Heloiza Matos e Sandra de Souza para criar o programa de pós-graduação em comunicação para o mercado.

Foi uma notável experiência que resultou na agregação de interesses comuns, voltados ao estudo de questões acadêmicas específicas, cujo alcance de efeitos sobre o mercado contavam com duas grandes referências: propriedade de estudo e capacitação de pesquisadores e orientadores. Sim, pois mesmo no campo teórico impõe-se a necessidade de quem estuda saber exatamente o que está estudando. O que significa dizer que sem nenhuma prática profissional, como sem trânsito pelas esferas em estudo, dificilmente o pesquisador poderá estudar com profundidade e objetividade qualquer coisa.

Todavia, essa notável experiência após o término de seu mandato de diretor seria considerada imprópria, descartando-se causas e consequências de um trabalho que, muitos anos para frente, tentaria ser reavivado em nova reformulação da pós-graduação. No meu entender, porém, sem o vigor, a forma e o alcance que aqueles programas teriam logrado, tivessem sido preservados. De algum modo, também participei do enterramento dos programas originais. Eu presidia a comissão de pós-graduação quando, sob orientação de outro diretor, em agosto de 1996, os conselheiros tomaram a deliberação de encerrar aquilo que eufemisticamente era justificado como “retrocesso”. Pois o que se pretendia era a “valorização do programa tradicional que servia a toda escola”. Fui voto vencido. Entre outros desencantos, essas “nuvens de agosto” permanecem como sombras a tirar parte do brilho de uma era.

Curiosamente, essa decisão do colegiado foi tomada depois de uma reunião da COMPÓS, realizada na ECA, na qual, segundo eu soube posteriormente (pois não participei dessa reunião) tinha sido sugerido o retorno ao antigo programa de ciências da comunicação. O mesmo programa que, anos para frente, levaria à revisão que aportou em sua atual configuração. O mesmo programa, por sinal, que excluiu os colegas da área de turismo, com as explicações de sempre sobre pertinência, envolvimento, produção acadêmica e assim por diante. Estou certo de que, não houvesse essa prática tão em voga de se desfazer em um mandato o que se constrói no anterior, a instituição teria ganho muito mais e nenhum colega teria sido alijado de um campo importante como é a pós-graduação.

Marques de Melo não raro era alcunhado de “trator”. Diziam que ele, quando desejava fazer alguma coisa, “atropelava todo mundo”. Uma bobagem. Seu papel no

desenvolvimento da escola, seu compromisso institucional e, sobretudo, seu modo de trabalhar democraticamente no conjunto de todos os seus iguais, tornaram-no personagem sem equivalente. Pode ser até que uma ou outra iniciativa que tenha proposto não tenha saído exatamente como alguém desejasse. Mas tudo que fez realizou em conjunto com a maioria. Hábil negociador, intransigente na defesa de postulados éticos, semeador de cultura, sempre se destacou na USP como um “fazedor de chuva”. Punha todo mundo para trabalhar. Não havia “branco”. Ninguém que fosse trabalhar com ele permanecia sem ideia. Nada ficava sem germinar. Razão pela qual eu pessoalmente o entendo como uma fonte de energia, com que, desde bem antes da INTERCOM, ele vem adubando, regando e fazendo brotar no campo da comunicação.

Outro dia reli um trecho do livro que publiquei para celebrar o centenário de nascimento de meu pai, o fotógrafo gaúcho Francisco de Sales Marques Corrêa. O trecho relata a passagem em que meu progenitor, em janeiro de 1969, andava pelas instalações da antiga Escola de Comunicações Culturais na Cidade Universitária. Meu velho tentava colher informações que me atraíssem a permanecer com a família em São Paulo, abandonando a faculdade iniciada em Porto Alegre. Eu tinha escrito sobre isso, mas já não lembrava mais a passagem:

No local conversou a esmo com umas pessoas sobre os cursos da escola. Uma dessas pessoas, no entanto, um moço de óculos de aros grossos, que falava muito bem e se expressava com forte acento nordestino, conversou bastante com meu pai, explicando as grandes mudanças que se esperavam para o jornalismo profissional, a formação dos novos jornalistas e as transformações que estavam por ocorrer no campo dessa atividade nos próximos anos. Meu pai ficou muito impressionado. Nunca mais viu essa pessoa, mas também nunca mais a esqueceu pela atenção, objetividade e, principalmente, pelo conhecimento que demonstrava do jornalismo (AQUINO, 2012).

A descrição desse personagem sem nome por meu pai, eu sempre soube, era Marques de Melo. Foi um privilégio e uma honra ter trabalhado com ele. Sem falsa modéstia, também foi motivo de muita distinção para mim, em algum momento da história eu também ter podido exercer o principal cargo que ele exerceu na Universidade de São Paulo: o de diretor da Escola de Comunicações e Artes.

Referência

AQUINO, Victor. **Significados da paisagem** (celebração do centenário de nascimento de Francisco de Sales Marques Corrêa, 1912-2012). São Paulo: INMOD, 2012.